

PERSISTÊNCIA E EXTENSÃO NA CONSTRUÇÃO INCEPTIVA EM [V1_{FIN} (PREP) V2_{INF}] DO PORTUGUÊS

Natália Sathler SIGILIANO

Universidade Federal do Rio de Janeiro
nataliasigiliano@gmail.com

Resumo

Adotando a perspectiva do estudo da linguagem baseada no uso, este trabalho investiga a hipótese de que a manutenção de estruturas semânticas vestigiais nos verbos que ocupam a posição de verbo finito (V1_{fin}) nas Construções Inceptivas do tipo [V1_{fin} (prep) V2_{inf}] pode condicionar suas possibilidades de combinação com determinados tipos semânticos de verbos infinitivos (V2_{inf}). Para verificar a validade dessa hipótese, foi realizada pesquisa diacrônica no Corpus do Português das Construções Inceptivas preenchidas em V1_{fin} por verbos diferentes dos aspectuais inceptivos prototípicos. Os dados apontaram para a extensão dos contextos de uso da construção como um todo, ao mesmo tempo em que a persistência de sentidos subjacentes a V1_{fin} parece definir tendências de combinação entre cada V1_{fin} e tipos semânticos específicos de V2_{inf}.

Palavras-chave

Construção Inceptiva; Gramaticalização de Construções; Princípio da Persistência; Extensão.

Introdução

Segundo Heine (2003, p.579-580), a gramaticalização das expressões linguísticas envolve o mecanismo da extensão. Este, também chamado de generalização contextual, ocorre quando um “item linguístico pode ser usado em novos contextos nos quais não era previamente empregado”. Tal mecanismo pode ser exemplificado através do processo de gramaticalização das construções de futuro em [*be going to* + V_{inf}] do Inglês. Nessas construções, o verbo *go*, que antes indicava um deslocamento e que, portanto, subcategorizava sujeitos [+animados], passa a marcar futuridad, podendo se combinar com uma série de verbos que nem mesmo pressupõem qualquer ideia de movimento ou agentividade, os quais, por sua vez, podem subcategorizar sujeitos [-animados], tais como *fall*, por exemplo, em sentenças como “*The building is going to fall*” (cf. HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993]).

A Construção Inceptiva (CI) do Português¹, estudada neste trabalho, compartilha com a construção mencionada acima o fato de sinalizar uma categoria linguística tipicamente relacionada aos verbos – o aspecto – e de constituir também uma estrutura sintática composta por [$V1_{fin}$ + $V2_{inf}$]. Entretanto, ao contrário do que ocorre com a construção de futuro do Inglês (e também com a do Português), a posição de $V1_{fin}$ da CI pode ser preenchida por uma variedade de verbos não tipicamente aspectuais: nessa posição, *danar*, *desatar*, *entrar* e *romper*² também podem ocorrer.

Dessa forma, a análise da ocorrência ou não de extensão da CI obriga que se considerem as possibilidades – e restrições – de co-ocorrência de determinado marcador aspectual com determinado verbo pleno. Isso porque, ao mesmo tempo em que a construção estende as suas possibilidades combinatórias, tornando-se mais produtiva, alguns dos lexemas que ocupam a posição de $V1_{fin}$ podem apresentar restrições de co-ocorrência com determinados tipos semânticos de verbos infinitivos.

Neste trabalho, busca-se observar se a manutenção de estruturas semânticas vestigiais nos verbos que ocupam a posição de $V1_{fin}$ faz com que suas possibilidades de combinação com $V2_{inf}$ sejam restringidas em relação ao tipo semântico deste último. Com objetivo de verificar a validade dessa hipótese, foram levantadas ocorrências da CI em *corpora* e analisados os tipos semânticos dos verbos infinitivos que nela aparecem.

¹ O conceito de construção utilizado neste trabalho é aquele encontrado em Goldberg (2006, p.5), segundo o qual “qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente preditível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo os totalmente preditíveis, desde que ocorram de forma suficientemente frequente.”

² Nessa mesma posição, podem ocorrer verbos como *cair*, *deitar*, *desandar* e *disparar*, os quais serão analisados em trabalhos posteriores.

Gramaticalização: princípios e parâmetros

Hopper & Traugott (2003 [1993]) mostram como o termo gramaticalização se define com relação aos programas de pesquisa em linguística. Segundo eles, nessa perspectiva, o termo se liga à parte do estudo da língua que se compromete com questões relativas à maneira como os itens lexicais e as construções passam a ser usados com funções gramaticais em certas línguas ou de que forma os itens gramaticais se desenvolvem assumindo novas funções gramaticais.

Ao apresentarem o exemplo de gramaticalização do auxiliar do Inglês *be going to*, os autores reafirmam o princípio da unidirecionalidade do fenômeno, uma vez que, como ocorre com os verbos de movimento, que passam a funcionar como auxiliares marcadores de futuro, as estruturas menos gramaticais passam a figurar, com o tempo, como mais gramaticais (HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 16).

Segundo Heine e Kuteva (2005), a teoria da gramaticalização tem como meta descrever como as formas e as construções gramaticais surgem e se desenvolvem no tempo e, ainda, explicar porque elas são estruturadas da forma como são. A fim de entender e descrever essas evoluções de padrões de uso e categorias gramaticais, os autores apresentam os parâmetros de gramaticalização (HEINE & KUTEVA, 2005, p. 15 e 80; 2006, p. 58), como se vê a seguir:

- (a) Extensão (ou generalização contextual): o uso em novos contextos leva a novos significados.
- (b) Dessemantização (ou desbotamento semântico): perda de traços do conteúdo.
- (c) Decategorização: perda das propriedades morfossintáticas características de formas lexicais ou menos gramaticalizadas.
- (d) Erosão (ou redução fonética): perda de substância fonética.

Hopper (1991) também apresenta princípios caracterizadores da gramaticalização, que permitem a identificação dos primeiros estágios do processo. O primeiro princípio é conhecido como *Estratificação* e caracteriza-se pela emergência de novas estruturas, de funções semelhantes ou idênticas às antigas. As novas podem coexistir com as estruturas antigas da língua e funcionar como “alternativas estilísticas” e levar ou não séculos para substituírem as antigas. O segundo princípio é o da *Divergência*, de acordo com o qual um item em processo de gramaticalização, ao se tornar clítico ou afixo, pode manter sua forma original, que permanece como um elemento autônomo, igualmente sujeito a mudanças que atingem os membros de sua classe. De acordo com a *Especialização*, o número de formas empregadas para exprimir o significado pode sofrer uma redução e um número menor de formas passa a expressar significados gramaticais mais gerais. Podemos citar, também, o princípio da *Persistência*, segundo o qual, alguns traços semânticos originais permanecem

na estrutura em processo de gramaticalização, e a *Decategorização*, que representa a perda de traços categoriais primários, associados a uma determinada classe.

Os “princípios e parâmetros” aqui apresentados revelam o caráter dinâmico da gramática, representando as constantes mudanças da língua que são consequências de buscas incessantes pelos falantes na estruturação de novas expressões adequadas às diferentes situações comunicativas. Logo, o processo de gramaticalização não pode ser encarado como algo repentino, mas sim, gradual.

A Construção do Aspecto Inceptivo no Português é produto de gramaticalização, uma vez que verbos que antes apresentavam sentidos lexicais, passam a assumir funções de auxiliares, marcadores de aspecto (dessementização e decategorização). Ao mesmo tempo, combinações entre $V1_{fin}$ e $V2_{inf}$ que eram improváveis quando $V1_{fin}$ era utilizado com sentido lexical, tornam-se possíveis à medida em que este se torna marcador de aspecto (extensão). Por fim, a preposição outrora presente entre $V1_{fin}$ e $V2_{inf}$ desaparece a partir do século XX.

Tanto os parâmetros propostos por Heine e Kuteva (2005; 2006), quanto os princípios propostos por Hopper (1991) podem ser aplicados na análise da CI. Apesar da aparente clareza do processo de gramaticalização da CI, algumas questões emergem justamente pelo fato de se estar tratando da gramaticalização de uma construção e não de um item. Dentre elas, duas foram escolhidas para discussão neste artigo:

- (i) Em que medida o parâmetro da Extensão (HEINE & KUTEVA, 2005; 2006) deve ser analisado no que tange à análise de uma construção cujas posições de $V1_{fin}$ e $V2_{inf}$ podem sofrer restrições de preenchimento?;
- (ii) Em que medida o princípio da Persistência (HOPPER, 1991) restringe a Extensão?

Corpus e Métodos

Com objetivo de responder as questões propostas anteriormente, foram levantadas ocorrências da CI no Projeto Corpus do Português (CP) (<http://www.corpusdoportugues.org>), o qual permite o acesso a uma coletânea de textos de tipos e gêneros diversos, os quais abarcam o período dos séculos XIII a XX. Segundo o que se encontra disponível no sítio do CP, “este corpus é constituído de mais de 45 milhões de palavras que vêm de pouco menos de 57.000 textos. Tem 20 milhões de palavras do século XX, 10 milhões do século XIX, e 15 milhões de palavras dos séculos XIII-XVIII”.

Dada a intenção deste trabalho de averiguar a influência da semântica vestigial (também chamada de Esquema Imagético Subjacente, cf. SWEETSER, 1989; 1990) dos verbos que podem ocupar a posição de $V1_{fin}$ na CI sobre a possibilidade de extensão de tal construção, foram investigados justamente os verbos que não marcadamente são aspectuais prototípicos

– tais como *dandar, desatar, entrar e romper* – mas que, por outro lado, figuram na posição de $V1_{fin}$ das instanciações da CI hoje encontradas no Português do Brasil.

Através do mecanismo de busca do Corpus do Português (CP), foram investigadas, em todos os séculos e em todos os textos disponíveis, as ocorrências dos verbos listados acima seguidos de um verbo no infinitivo. Após refinamento, foram encontrados, ao todo, 649 dados. Levantadas as instanciações da CI do Corpus do Português, elas foram agrupadas tomando como base o verbo que ocupa a posição de $V1_{fin}$ e, posteriormente, investigadas segundo o tipo semântico dos verbos que ocupam a posição $V2_{inf}$.

Com o intuito de verificar os padrões de combinação entre $V1_{fin}$ e $V2_{inf}$ na CI, buscamos elaborar uma lista de tipos semânticos de $V2_{inf}$ para que pudéssemos notar suas semelhanças e regularidade de ocorrência.

Com base em Noonan (2007, p. 99), propusemos alguns tipos verbais, os quais estão numerados abaixo de 1 a 6. Os demais foram criados com base na observação dos dados e tendo em vista a tipologia apresentada por Halliday (1994). Seguem abaixo os tipos verbais que foram analisados e, ainda, exemplos de cada um deles.

Número	Tipo verbal	Exemplos
1	Manipulação	Ordenar, persuadir, fazer com que
2	Desejo	Querer, desejar, ter vontade de que
3	Percepção	Ver, ouvir, escutar, sentir
4	Processo mental	Saber, entender, compreender
5	Atitude proposicional	Achar, acreditar, crer
6	Elocução	Dizer, falar, contar
7	Deslocamento	Ir, vir, andar, entrar
8	Ação	Fazer, pegar
9	Estado / atributo	Ficar, ser, permanecer, estar
10	Fenômeno da natureza	Chover, nevar
11	Mudança de estado	Secar, passar [o tempo]
12	Sentimento	Amar, gostar, odiar
13	Emoção	Chorar, entristecer, soluçar [de tristeza].

Tabela 1: Tipos semânticos de $V2$.

O levantamento do tipo semântico de $V2_{inf}$ foi associado ao $V1_{fin}$ e ao século em que primeiro ocorreu cada tipo, a fim de analisarmos o parâmetro da extensão e o princípio da persistência ou não na construção.

Resultados

Como já foi proposto por Goldberg (1995, 2010), os verbos não se inserem aleatoriamente nas construções. Tendo como base esse fato, analisamos as CIs levando em conta não apenas o primeiro verbo da construção, o qual é o indicador do aspecto inceptivo, mas, ainda, o $V2_{inf}$. Estes foram agrupados em tipos semânticos, os quais foram explicitados na seção anterior. A Tabela 2 mostra, em porcentagem e em número de dados (valor entre parênteses), a ocorrência de cada tipo verbal associado aos verbos que podem preencher a posição de $V1_{fin}$ estudados neste trabalho. Observe-se:

$V2_{inf}$	$V1_{fin}$				
	Danar a	Danar de	Romper a	Desatar a	Entrar a
Manipulação				0.42% (1)	
Desejo					0.6% (2)
Percepção					3.25% (11)
Processo mental		50% (1)		0.42% (1)	5.6% (19)
Atitude proposicional					2.07% (7)
Elocução			6.2% (4)	4.21% (10)	17.66% (60)
Deslocamento			7.8% (5)	9.7% (23)	7.37% (25)
Ação	66.6% (2)		18% (13)	9.7% (23)	53.4% (181)
Estado / Atributo					2.07% (7)
Fenômeno da natureza				1.3% (3)	0.31% (1)
Mudança de estado		50% (1)		0.8% (2)	
Sentimento					0.9% (3)
Emoção	33.3% (1)		68% (46)	73.41% (174)	6.78% (23)
TOTAL	100% (3)	100% (2)	100% (68)	100% (237)	100% (339)

Tabela 2: Distribuição das ocorrências da CI com base na combinação de tipos semânticos de $V2$ com cada possibilidade de preenchimento de $V1_{fin}$.³

³ As porcentagens foram calculadas verticalmente. Foram eliminadas da contagem de dados duas ocorrências que se mostraram únicas, quais sejam, do $V1_{fin}$ *romper* associado ao $V2_{inf}$ *concluir* e do $V1_{fin}$ *entrar* ligado ao $V2_{inf}$ *possuir*. O primeiro $V2_{inf}$ se encaixava na classe dos aspectuais e o segundo, na classe dos possessivos, as quais foram eliminadas deste estudo. Não houve ocorrências de $V2_{inf}$ existenciais.

Nota-se que, na posição de $V2_{inf}$ predominam os verbos de ação. O segundo tipo mais recorrente de $V2_{inf}$ seriam os verbos emotivos. Na Tabela 2, é importante notar, também, a presença de preposições distintas no $V1_{fin}$ *danar*, o qual pode ser seguido de *a* ou *de*⁴.

Como é possível notar pela leitura da Tabela 2, as instanciações da CI preenchidas em $V1_{fin}$ por *entrar* se ligam, sobretudo, a verbos de ação. Além disso, é importante observar que as preenchidas por *romper* e *desatar* se ligam, na maior parte dos dados, a verbos de emoção.

Cumprir investigar, também, o percurso diacrônico da CI. Conforme é possível observar na Tabela 3, os primeiros dados de *entrar a* em $V1_{fin}$ ocorrem no século XV com os verbos de ação, aumentando gradativamente a frequência de uso no século XVII. Nos séculos XVIII e XIX, há crescimento abrupto no número de dados em que $V2_{inf}$ é preenchido por verbos de ação e aumento de ocorrências com $V2_{inf}$ de elocução e emoção. No século XX, há uma queda vertiginosa no número de ocorrências da CI com *entrar a*, sendo que os $V2_{inf}$ de ação e de elocução continuam preponderantes com relação aos demais.

A instanciação com *entrar a* na CI representa, dentre as construções inceptivas menos prototípicas, a mais antiga, surgindo no século XV. Uma das possibilidades de preenchimento em $V1_{fin}$ mais recente, segundo os dados, é a de *romper*. Um cotejo entre as duas instanciações da CI mostra:

- as ocorrências em $V1_{fin}$ com *entrar* mostram-se mais produtivas, contrastando com aquelas preenchidas por *romper*, que são menos produtivas;
- $V1_{fin}$ *entrar* se associa a 11 tipos semânticos distintos de $V2_{inf}$, enquanto *romper* se associa a 4;
- as primeiras construções com *entrar* ocorrem no século XV e com *romper*, no século XIX;
- enquanto $V1_{fin}$ *entrar* se associa com maior frequência a verbos de ação, *romper* o faz com verbos de emoção.

4 Em outro trabalho, ainda não publicado, discuto a questão do preenchimento da posição de prep à luz da perspectiva de Goldberg, uma vez que, segundo o Princípio da Não-Sinonímia (GOLDBERG, 1995), qualquer diferença sintática entre duas construções implica uma distinção semântica ou pragmática entre elas. Assim, se a alteração entre as preposições *a* e *de* for encarada como uma diferença sintática, o princípio enunciado acima poderia estar comprometido. A análise desenvolvida no trabalho mostrou, entretanto, que, devido às múltiplas motivações presentes na rede de construções na qual a CI toma parte, o preenchimento da lacuna da preposição pode se dever tanto à regência de $V1_{fin}$ em usos como verbo pleno (“*Ele pegou da espingarda.*”), quanto do padrão sintático de outras instanciações da CI, em casos nos quais usos como “*Ele pegou de reclamar*” motivariam usos como “*Ele danou de reclamar.*”, visto que *danar*, quando empregado como verbo pleno, não seleciona preposição.

Ocorrências de [V1 _{fin} entrar a V2 _{inf}]						Tipo Semântico de V2 _{inf}
XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
3	7	11	56	70	34	Ação
	3	2	9	35	11	Elocução
		1	-	8	2	Percepção
		1	-	6	-	Estado
			10	9	-	Processo mental
			2	1	-	Sentimento
			1	20	2	Emoção
				18	7	Deslocamento
				6	1	Atitude proposicional
				1	1	Desejo
				1	-	Fenômeno da natureza
Ocorrências de [V1 _{fin} romper a V2 _{inf}]						Tipo Semântico de V2 _{inf}
XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
				28	17	Emoção
				7	5	Ação
				3	1	Elocução
				2	3	Deslocamento

Tabela 3: Ocorrências da CI preenchidas em V1_{fin} por *entrar* e *romper* ao longo dos séculos. A mancha em cinza aponta para a extensão da construção no que tange aos tipos semânticos de V2.

É importante ressaltar que essa alta associação de V1_{fin} a tipos semânticos distintos de V2_{inf} parece estar ligada ao fato de o preenchimento da CI com *romper* ser mais recente, enquanto o com *entrar* ser o mais antigo nos dados. Nota-se também, em geral, que os verbos mais frequentes nas construções inceptivas são também aqueles que se ligam a mais tipos verbais em V2_{inf}.

Como se pôde ver, em alguns casos, as ocorrências apontam para uma forte associação de um preenchimento específico de V1_{fin} na construção aspectual a um tipo de V2_{inf} determinado. Além disso, é relevante discutir também a alta associação de V1_{fin} *entrar* a V2_{inf} de tipos semânticos bastante variados. Esses fatos contribuem para notar uma ligação não aleatória entre os verbos da construção e para se perceber sua extensão, o que será analisado nas seções que seguem.

Discussão

A pesquisa de dados mostrou que, ao longo dos séculos, a CI experimenta um crescimento contínuo no número de tipos semânticos de V2_{inf} que podem a ela se vincular, o que caracteriza o parâmetro da Extensão (cf. HEINE & KUTEVA, 2005; 2006). Por outro lado, é possível perceber que determinados tipos

semânticos de V2_{inf} associam-se preferencialmente a instanciações da CI preenchidas por V1_{fin} específicos, o que, segundo a hipótese desenvolvida neste trabalho, deve-se à manutenção – ou Persistência – de estruturas semânticas subjacentes nos verbos que ocupam essa posição.

O Parâmetro da Extensão na CI

Segundo Heine e Kuteva (2005; 2006), o mecanismo da extensão se traduz no conceito de que o uso em novos contextos motiva novos significados. Tal expansão de possibilidades de emprego de uma construção – a Construção Inceptiva, no caso deste trabalho – torna-se possível uma vez que há a perda de ancoramento de seu significado na realidade percebida pelo falante. Em outras palavras, como a Construção Inceptiva, ao longo do processo de gramaticalização, tem o significado de V1_{fin} esvaziado de seu conteúdo mais lexical e preenchido por um sentido gramatical de aspecto – fundado na semântica vestigial dos verbos que podem ocupar essa posição, conforme se verá em 4.2 –, a posição de V2_{inf} passa a poder ser preenchida por verbos cuja combinação com os respectivos V1_{fin} seria improvável, caso um verbo como *entrar*, por exemplo, mantivesse seu sentido lexical de *‘movimento para dentro’*. Vejam-se os exemplos:

- (1) A iija. he se algûu homë ouesse conpradas as uhuas dalgûã vinha ou fructo dalgûãs aruores dortas. ou doutra herdade & ouesse pagado o preço. ento-tõ poderya **entrar a colher** o fructo que conprou & o ssenhor da erdade nõ lhi pode defender a entrada. pero o quisesse fazer. (CP, XIV, Afonso:Partida3)
- (2) O que suposto, respondendo agora à primeira pergun ta, há de se dizer, que os primeiros progenitores dos índios da América (segundo esta opiniao) **entraram a povoá-la** sucessivamente com os que **entraram a povoar** a ilha de Atlante; pois tudo era a mesma terra, mais, ou menos distante das Colunas de Hércules.(CP, XVII, Vasconcelos:Jesus)
- (3) Chamei então o meu criado - que é velho e minhoto - disse-lhe que daqui em diante, quando lhe pedisse o rocló, devia trazer-me o chambre. O criado pôs as mãos às ilhargas, e **entrou a rir** como um perdido. Perguntei-lhe por que se ria, e repeti-lhe a minha ordem. (CP, XIX, Machado:Bons)
- (4) Depois, tornam-se a ouvir os marulhos do Tejo, pela direita, a dois tiros d’ espingarda, e alvejam como montanhas d’ ossos, a um lado e outro do caminho, os depósitos de pedra dos canteiros de Lisboa. **Entra a chover**, grandes franjas de nuvens que zebram o céu, parece que se alongam cada vez mais, como enormes crepes. (CP, XIX, Almeida: Gatos 1)

Nota-se que, em (1), o verbo *entrar* ainda mantém seu sentido de *‘mover-se para dentro’*, uma vez que, ao sujeito que pagou pelas uvas ou frutos, é assegurado o direito de entrar na propriedade daquele que os vendeu para colhê-los. Assim, a expressão em destaque *“entrar a colher”* não é uma instanciação da CI, mas, sim, a junção de uma cláusula núcleo – *“entõto poderya entrar”* – a uma cláusula hipotática de finalidade – *“a colher”*.

Já em (2), a leitura “cláusula núcleo + hipotática de finalidade” coexiste com a leitura aspectual, na medida em que é possível tanto interpretar que os primeiros progenitores dos índios americanos entraram na América para povoá-la (ou povoando-a) ao mesmo tempo em que o faziam os atlantes, quanto que tais progenitores começaram a povoar a América ao mesmo tempo em que se começava a povoar a Ilha de Atlante. A ambiguidade é sustentada pelo fato de o continente americano poder ser entendido como o lugar em que se entra, o que levaria à manutenção da semântica lexical do verbo *entrar*.

Em (3), tal possibilidade de leitura de *entrar* como verbo pleno não mais existe. O padrão e o criado encontram-se travando um diálogo no mesmo cômodo, o que inviabiliza a leitura de *entrar* como ‘deslocar-se para dentro’. Apenas a leitura aspectual é possível.

O mesmo ocorre em (4), porém, nesse exemplo, é possível ver o processo de extensão de forma nítida. Observe-se que, em “*Entra a chover*” não há sequer a subcategorização de um sujeito, o que caracteriza um contexto de uso totalmente novo para as instâncias da CI.

Com o emprego em novos contextos, o $V1_{fin}$ *entrar* deixou de subcategorizar sujeitos [+ animados] e, como se pode ver em (4), deixou mesmo de subcategorizar qualquer sujeito.

Tomando como base as instâncias de *entrar* na CI, bem como os dados apresentados na Tabela 3, pode-se argumentar em favor da ocorrência de Extensão ao longo da gramaticalização dessa construção. Entretanto, como se verá a seguir, este não é um processo que ocorre aleatoriamente ou indiscriminadamente, independentemente dos verbos em $V1_{fin}$.

O Princípio da Persistência na CI

Hopper (1991), ao tratar dos princípios da gramaticalização, preocupa-se mais em ressaltar seu caráter gradual do que em propor critérios capazes de distinguir a gramaticalização de outros processos de mudança. Nesse sentido, propõe cinco parâmetros capazes de identificar estágios mais ou menos avançados de gramaticalização. Dentre eles, encontra-se o da Persistência, segundo o qual há traços semânticos originais que permanecem na estrutura linguística que passou por mudança. Há autores que, adotando um viés semântico-cognitivo do estudo da língua, referem-se à mesma noção salientando a manutenção de esquemas imagéticos subjacentes aos itens gramaticalizados, como produto da dessemantização (SWEETSER, 1990).

Na CI, vemos que as associações de $V1_{fin}$ e $V2_{inf}$ não são aleatórias, o que é comprovado por meio da análise de dados em que há presença mais saliente de determinados tipos semânticos de $V2_{inf}$, fato que nos leva a pensar sobre os fatores motivadores na ligação de $V1_{fin}$ e $V2_{inf}$. É importante perceber que todos os $V1_{fin}$ são associados, em algum nível, à noção de movimento, de deslocamento o que, inclusive, parece ser um fator definidor para sua gramaticalização como marcador aspectual (cf. SIGILIANO, 2008).

Uma das formas de estudar a categoria cognitiva do movimento é através da Dinâmica de Forças. Talmy (2001, p. 409-468) mostra que a Dinâmica de Forças pertence ao campo das relações entre a estrutura conceptual da linguagem e os domínios cognitivos, figurando em todos os seus níveis. Assim, os itens lexicais que se ligam à dinâmica de forças se referem não apenas a interações de força, mas, por extensão metafórica, também a interações sociais e psicológicas. É o que ocorre nas construções causativas e modais, por exemplo (Cf. TALMY 2001; SWEETSER, 1990).

Essas relações se fazem relevantes neste trabalho, uma vez que os dados corroboram com a hipótese de persistência de estruturas vestigiais em $V1_{fin}$, as quais irão interferir em suas possibilidades combinatórias em relação a $V2_{inf}$. Na Tabela 2, notamos que as instanciações da CI preenchidas em $V1_{fin}$ por *romper* e *desatar* se destacaram, especialmente, por co-ocorrerem com verbos de emoção na posição de $V2_{inf}$. *Romper* associou-se em 68% das ocorrências a $V2_{inf}$ de emoção, enquanto *desatar* o fez com 75,2%. Esses são números altos e, portanto, relevantes para a nossa pesquisa, estimulando uma reflexão. Eles nos levaram a refletir sobre a motivação dessa associação entre os $V1_{fin}$ e $V2_{inf}$ citados.

Dentre os padrões básicos da dinâmica de forças propostos Talmy (2001, p. 415), o da quebra de barreiras contribui sobremaneira para a explicação de tal associação. Observe-se o esquema representado na Figura 1.

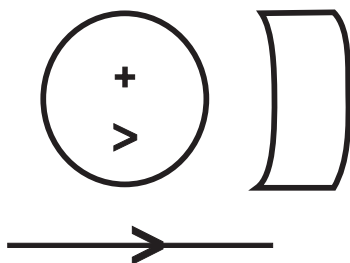


Figura 1: Esquema de representação do modelo da Quebra de Barreiras

O círculo indica o agonista e a forma à sua direita, o antagonista. O símbolo + indica, na dinâmica de forças, a força do agonista que, nesse caso, é maior do que a do antagonista. O sinal > indica a tendência de movimento com direção ao antagonista, desencadeado por um agente externo, enquanto que a seta indica que o agonista tende ao movimento.

Se pensarmos sobre a semântica dos usos mais lexicais dos verbos *romper* e *desatar*, conforme apresentados nos exemplos (5) e (6), notamos que ambos trazem em si a noção de quebra de barreiras, representada pela quebra de contêiner.

- (5) Quem se bem quyser cõfessar demande clerigo sesudo que lhe sayba dar peemdença uerdadeira. E o homê que fezzer sacrilegio se **rompe** ygreia ou dela tira algûa cousa sagrada e metea aqueles husos que nõ deue, sete anos faça peêdemça. E em nos primeyros dous anos nõ deue de emtrar na igreia

ataa quatro anos ño deue d'ofreecer..(CP, XV, Tratado de Confissón)

- (6) Determinou elRei dom Manuel em relação a.22. de Feuereiro de. 1499. que qualquer pessoa, que fosse tomada cortando e **desatando** bolsa, hora na bolsa se achasse dinheiro, hora ño, se fosse pião, fosse açoutado & desorelhado. Fol. 115. do liuro primeiro. (CP, XV, Leis Extravagantes)

No exemplo (5), prescrevem-se penitências para vários pecados, dentre eles, o de arrombar e furtar igrejas. O verbo *romper*, nesse caso, indica a abertura forçada da porta da igreja. Já em (6), o verbo *desatar* indica a abertura de uma bolsa que continha dinheiro. Em ambos os casos, os limites da igreja e a bolsa podem ser conceptualizadas como contêineres, barreiras, que são quebrados, por iniciativa de um agente. Aplicando-se a esses exemplos o esquema da Figura 1, temos que o agonista é o invasor da igreja ou o ladrão, e o antagonista corresponde à porta da igreja ou à bolsa.

Exemplos	Esquema da Quebra de Barreiras		
	Agonista	Antagonista	Força
(1) Senhor Deus, rogote que sooes e queiras toar cõ a tua voz grande e forte dentro ã na orelha do meu coraçõ! Rompe a minha sordidade e ãsiname e salvame! (CP, XV, Agostinho)	Deus	a sordidez do suplicante	a voz grande e forte de Deus no coração
(2) Ernestina falava agora, falava sempre, já sem calma, feliz, desatando frases de queixa, de censura, de desespero e de amor, deslumbrando Luciano com a sua voz quente, a sua formosura miraculosamente rejuvenescida nessa hora de enlevo e de paixão ardente e concentrada. (CP, XIX, Almeida:Viúva)	Ernestina	a convenção social que a faria calar-se	a paixão ardente e concentrada

Tabela 4: Aplicação do esquema da Quebra de Barreiras a usos metafóricos de *romper* e *desatar*

O esquema da quebra de barreiras se mantém mesmo nos usos metafóricos dos verbos em questão, conforme atestam os exemplos de (7) a (8), esquematizados na Tabela 4.

Além de se manter nos usos metafóricos, o esquema da quebra de barreiras ocorre também quando esses verbos ocupam a posição de $V1_{fin}$ nos usos aspectuais, como se pode notar no exemplo (9):

- (9) A cena da fuga: a irmã, de preto, com o embrulho das jóias, a caminhar cautelosa, surdamente e desaparecer diluindo-se como uma névoa. Deitou-se, cobriu-se, ño tinha sono. E pensava: Onde iria? Como encontrá-la? Chegou-se mais à parede e, d' olhos fechados, meditava quando ouviu os arrancados soluços de Dona Júlia no quarto próximo. Pôs-se à escuta e os olhos foram-se-lhe enchendo d' água, uma opressão pesou-lhe no peito como se

lho fosse esmagando e, de repente, afundando a cabeça no travesseiro, **rompeu a chorar** desesperadamente. Eram seis horas da manhã quando acordou em sobressalto, como se houvesse sido violentamente despertado. (CP, 19Br:Neto, Turbilhão)

Em (9), a força metafórica seria a dúvida com relação ao desaparecimento da irmã do personagem. Nesse caso, o agonista é o choro, enquanto o antagonista se identifica com o controle emocional.

Como vemos em (9), marcadores de aspecto associados à quebra repentina de barreira ligam-se, sobretudo, aos verbos de emoção. É interessante perceber, ainda, a presença do advérbio de modo *desesperadamente*, o qual colabora para a produção de noção de intensidade. Essa noção já está imbuída também no verbo *romper*. Se compararmos, por exemplo, *ela rompeu a chorar* e *ela começou a chorar*, fica fácil notar que o primeiro exemplo apresenta uma “intensidade”, uma “quebra” mais proeminentes.

Essa associação dos verbos como *romper* e *desatar* aos verbos emotivos é ligada às seguintes metáforas de Lakoff & Johnson (2002 [1980]):

EMOÇÃO É CONTÊINER: Estou num grande estado de nervos! EMOÇÃO É LÍQUIDO NUM CONTÊINER: Ele transbordava de alegria.
--

As duas metáforas ilustram bem a associação que se dá entre $V1_{fin(romper\ e\ desatar)}$ e $V2_{inf(emoção)}$, já que ambos têm associados em si a noção de contêiner. Afinal, ao se *romper algo*, há uma barreira quebrada, e ao se *desatar algo*, também. Quando um contêiner é rompido ou desatado, as emoções “líquidas” dentro dele tendem a se espalhar, deixando de ser contidas.

Uma vez que o esquema cognitivo dos verbos de emoção casa tão bem com o dos marcadores aspectuais *romper* e *desatar*, duas implicações deveriam se verificar quando da análise dos dados: (i) tais marcadores aspectuais devem combinar-se frequentemente com verbos de emoção e (ii) quando da extensão da CI para o uso com verbos de emoção, os aspectuais *romper* e *desatar* devem figurar prioritariamente nesses novos usos.

Os dados que sustentam a implicação (i) encontra-se na Tabela 2: 68% das ocorrências de CI com verbo *romper* e 73.41% das com verbo *desatar* marcam aspecto inceptivo em verbos codificadores de emoções. No que tange à implicação (ii), das 186 instanciações da CI com $V2_{inf(emoção)}$ encontradas no século XIX, 28 tem $V1_{fin}$ preenchido por *romper*, e 138 por *desatar*, o que totaliza 89.24% das ocorrências. Para o século XX, a realidade é bem semelhante, com 94.64% de todas as instanciações da CI com $V2_{inf(emoção)}$ distribuídas entre *romper* (30.35%) e *desatar* (64.29%). Ainda, observando-se o padrão de extensão das CI preenchidas por *entrar* e *romper* (Tabela 3), é possível notar que, enquanto os verbos de emoção só passam a ocorrer com *entrar* três séculos após o seu primeiro registro como aspectual e

de maneira pouco frequente, tais verbos surgem juntamente aos primeiros usos aspectuais de *romper* e representam a maioria das ocorrências.

Conclusão

Este artigo visou a analisar os padrões de preenchimento não prototípicos da CI, ou seja, aquelas instanciações em que a posição de $V1_{fin}$ foi ocupada por verbos cujos sentidos lexicais não remetem à marcação aspectual, a fim de discutir o princípio da persistência e do parâmetro da extensão nessa construção. Para isso, foram levantadas ocorrências da CI em *corpora* dos séculos XIII a XX.

Os dados revelaram alto índice de preenchimento da posição de $V2_{inf}$ por verbos de ação e de emoção, sendo que, no caso do último grupo, percebeu-se uma correlação entre o tipo semântico de $V2_{inf}$ e a semântica vestigial de $V1_{fin}$.

Através da aplicação de um dos modelos da Dinâmica de Forças propostos por Talmy (2001) e de sua correlação com metáforas propostas por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), mostrou-se que a **Extensão** da CI a tipos semânticos de $V2_{inf}$ não agentivos pode ser condicionada pela **Persistência** de esquemas imagéticos subjacentes ao significado gramatical de aspectuais como *romper* e *desatar*.

Portanto, a análise mostrou que, ao se lidar com a gramaticalização de uma construção que apresenta possibilidades de preenchimento parcialmente abertas, faz-se necessário avaliar em que medida os vários subprocessos da gramaticalização ocorridos com cada item que a compõe podem interferir na operacionalização de um ou outro parâmetro. No caso estudado, a semântica vestigial da Quebra de Barreiras dos aspectuais *romper* e *desatar* fez com que o processo de extensão da CI para abarcar $V2_{inf}$ de emoção se desse preferencialmente com esses verbos. Em trabalhos futuros, pretende-se investigar em que medida outros parâmetros da gramaticalização podem apresentar correlações sistêmicas na medida em que esse processo passa a ser, de fato, encarado no nível construcional. ☐

Recebido em 30/01/2011. Aceito em 17/03/2011

SIGILIANO, N. S. PERSISTENCE AND EXTENSION IN THE [$V1_{fin}$ (PREP) $V2_{inf}$] INCEPTIVE CONSTRUCTION IN PORTUGUESE

Abstract

Adopting a usage-based approach to language, this paper aims at investigating the hypothesis according to which the vestigial semantics of verbs filling the finite verb ($V1_{fin}$) slot of the [$V1_{fin}$ (prep) $V2_{inf}$] Inceptive Construction may influence their possibilities of combination with certain semantic types of infinitive verbs ($V2_{inf}$). In order to verify the validity of such hypothesis, a diachronic survey for the Inceptive Construction was performed in Davies' and

Ferreira's Corpus do Português. Data pointed to the extension of the contexts of usage of the construction as a whole, at the same time that they showed that the persistence of underlying semantic material in $V1_{fin}$ sets combinatorial trends between each $V1_{fin}$ and some specific semantic types of $V2_{inf}$

Keywords

Inceptive Construction; Grammaticalization of Constructions; Persistence; Extension.

Referências

GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at Work: The nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. Verbs, Constructions and Semantic Frames. In: RAPPAPORT HOVAV, M., DORON, E. & SICHEL, I. (eds.). **Syntax, Lexical Semantics and Event Structure**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

HALLIDAY, M. **An introduction to functional grammar**. 2ed., London: Edward Arnold, 1994 [1985].

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B. & JANDA, R. (ed.) **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

HEINE, B. & KUTEVA, T. **Language contact and grammatical change**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2005.

HEINE, B. & KUTEVA, T. **The changing languages of Europe**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOPPER, P. On some principles on grammaticalization. In: TRAUOGOTT, E. & HEINE, B. (ed.) **Approaches to Grammaticalization 1**, Amsterdam: John Benjamins, 1991.

HOPPER, P. & TRAUOGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002 [1980].

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization**. 2.ed. Erfurt: Universität Erfurt, 2002 [1982].

NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN, T. (ed.) **Typology and Syntactic Description**. Vol. II. Complex Constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SIGILIANO, N. **“O telefone tocô eu peguei e: quem tá falano?” A Polissemia do Verbo Pegar**. Dissertação de Mestrado em Letras/Linguística. 2008. 133 fl. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics**. Vol. I. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2001.